

Deficiências de Aprendizado

Candice Carol Haas Hollingsead

Nenhum terapeuta educacional, nenhum professor, nem mesmo um psiquiatra pode saber como se sente quem tem uma criança com problemas de aprendizado.

— Mãe de uma criança com problema de aprendizado.¹

Profissionais e leigos têm lutado por muitos anos para compreender porque algumas crianças têm problemas sociais e acadêmicos, embora pareçam ter inteligência normal. Os pais de tais crianças

têm procurado ajuda de diferentes fontes, inclusive de psicólogos, neurologistas, pediatras, especialistas em fonologia e linguagem, oftalmologistas e fisioterapeutas. Como resultado, muitos rótulos têm sido usados para tais crianças — hiperativas, disléxicas, com trauma no cérebro, com deficiência de percepção e

com distúrbios neurológicos. Isso tem causado confusão para especialistas, professores, pais e o público em geral.²

Este artigo examinará as seguintes questões:

Que são deficiências de aprendizado? Quão freqüentes são elas? Que estão as instituições adventistas de ensino superior fazendo para superar as necessidades de estudantes com deficiências de aprendizado? Que aspecto tem um modelo de intervenção de

êxito em um estudante pós-secundário? Que desafios as instituições educacionais adventistas enfrentam nesta área?

Que são deficiências de aprendizado? Quão freqüentes são elas?

O estudo de deficiências de aprendizado é um campo dinâmico e em expansão. A simples definição do conceito tem causado considerável debate, visto ter sido bastante influenciado por especialistas médicos, psicológicos e educacionais, com pelo menos 11 definições que atingiram *status* oficial.³ Contudo, cinco pontos são geralmente usados para diagnosticar deficiência de aprendizado:

- Discrepância significativa entre os resultados esperados e os obtidos;
- Dificuldade nas tarefas de escola e no aprendizado;
- Desenvolvimento irregular do aprendizado;
- Disfunção do sistema nervoso central; e
- Problemas de aprendizado não causados por retardamento mental, distúrbio emocional, deficiências físicas, desvantagens do ambiente ou deficiências sensoriais.⁴

Embora haja desacordo acerca de definições e métodos de avaliação, não devemos perder de vista o ponto essencial. Deficiências de aprendizado são reais. O que é mais importante é descobrir como ajudar nossos estudantes com esses tipos de problemas.⁵ A classificação é importante, porém a tarefa prática de prestar serviço é crucial.

Diversos termos são usados para descrever problemas de aprendizado específicos na área acadêmica. Estes incluem:

- Discalculia — a incapacidade de fazer cálculos matemáticos;
- Disgrafia — a incapacidade de lembrar como escrever símbolos do alfabeto ou de aritmética; e
- Dislexia — a incapacidade de ler (associada com anormalidades no cérebro).⁶

Muitos educadores concordam que há grandes variações dentro de cada categoria de deficiências de aprendizado. Indivíduos afetados por deficiências de aprendizado freqüentemente têm dificuldades sociais ou emocionais tais como baixa estima, hiperatividade, pretenso desamparo, conduta perturbadora, traquejo social fraco

e distração. Outras dificuldades incluem problemas de atenção, de percepção, solução de problemas e funções motoras.⁷ Pesquisa em subtipos de deficiências de aprendizado são divididas em três categorias básicas: (1) déficit visual, (2) déficit de linguagem e (3) deterioração da conduta.⁸

O número de crianças e jovens com deficiências de aprendizado nos Estados Unidos continua a crescer. O Ministério da Educação americano relata que no ano escolar 1977-78, menos de 800.000 crianças (1,8 por cento da população das escolas públicas) receberam serviços para deficiência de aprendizado. O relatório de 1995 do Ministério de Educação americano indica que durante o ano escolar 1993-1994, 2,4 milhões (5,27 por cento da população das escolas públicas) foram identificados como tendo deficiência de aprendizado. As porcentagens em diferentes estados variam de 2,34 por cento a 6,24 por cento por causa de variações nos critérios de identificação. Existem indivíduos com deficiência de aprendizado em todas as idades, grupos étnicos e níveis socioeconômicos.

As deficiências de aprendizado representam a maior categoria dentro da educação especial, responsável por 51,1 por cento do total. Entre os anos escolares 1991-1992 e 1992-1993 o número de estudantes americanos entre as idades de 6 a 21 com deficiências de aprendizado aumentou em mais de 122.000.⁹

O número crescente de estudantes com necessidades especiais, mais a reavaliação do “ambiente menos

restritivo” como exigido por lei federal, são fatores que influenciam as instituições educacionais adventistas a reexaminar sua prestação de serviços a esta população. Hoje, a maior parte dos estudantes com deficiência de aprendizado freqüenta classes regulares. Por esta razão, considerável pesquisa e atenção centraliza-se nas adaptações bem sucedidas e modelos de intervenção no ensino geral.¹⁰

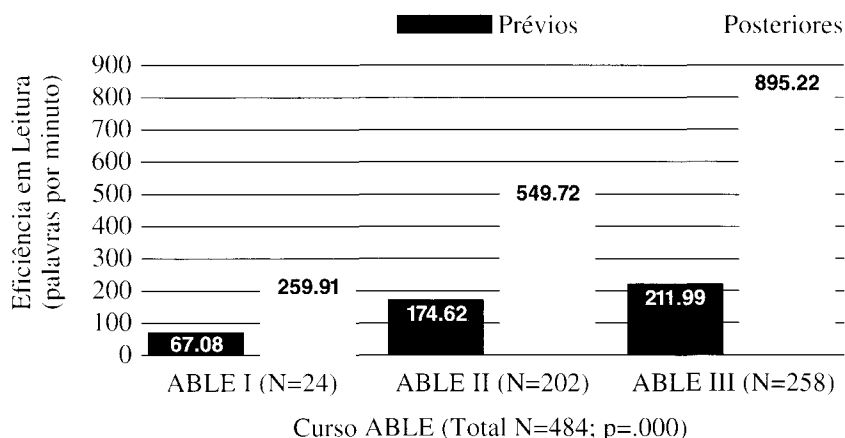
Que estão as instituições adventistas de ensino superior fazendo para enfrentar as necessidades de estudantes com deficiências de aprendizado?

Em janeiro de 1997 um questionário foi enviado às faculdades e universidades da Divisão Norte-Americana. Pedia de cada escola a seguinte informação: (1) serviços para indivíduos com deficiências de aprendizado e (2) preparo de professores para auxiliar indivíduos com deficiências de aprendizado.

Os programas de preparo de professores nessas instituições variam. Oito instituições relatam cursos a nível de licenciatura em educação especial: Pacific Union College (Angwin, Califórnia), Atlantic Union College (South Lancaster, Massachusetts), Columbia Union College (Takoma Park, Maryland, que inclui parceria com uma universidade do governo), Oakwood College (Huntsville, Alabama), Home Study International (Silver Spring, Maryland), Southern Adventist University (Collegedale,

Tabela 1

Resultados de Melhoria de Eficiência em Leitura
Testes Nelson-Denny Prévios e Posteriores (1993-1996)



Tennessee) e Walla Walla College (College Place, Washington). O Pacific Union College oferece um curso em Questões de Inclusão e o Walla Walla College está acrescentando um curso de Educação e Leis Acerca de Deficiências a seu currículo de verão.

Somente três instituições oferecem diplomas em nível de graduação em educação especial. A La Sierra University (Riverside, Califórnia) oferece um mestrado em educação especial (deficiências de aprendizado, de 1ª a 12ª séries), a Southern Adventist University tem um curso de graduação em educação inclusiva e Walla Walla confere Mestrado em Educação e Mestrado em Artes na área de educação especial.

Programas de graduação em leitura podem ser obtidos no Pacific Union College e na Andrews University. Estudos superiores em campos afins são oferecidos na Andrews University (inclusive pós-graduação), Columbia Union College, La Sierra University e Walla Walla College. O Atlantic Union College oferece cursos parciais de graduação em educação especial.

Que aspecto tem um modelo de intervenção de êxito em um estudante pós-secundário?

Consideremos um programa numa escola adventista do sétimo dia. (De acordo com a Tabela 1 já mencionada, várias escolas adventistas têm planejado uma variedade de programas bem sucedidos para fazer frente às exigências de estudantes com carências especiais.)

A Loma Linda University tem um

centro de ensino e aprendizado (CEA) muito bem sucedido. O programa iniciado em 1993 ajuda estudantes diagnosticados com uma deficiência de aprendizado, aqueles que correm risco de fracassar e outros que lutam para atingir seu potencial facilitando o aprendizado individualizado para cada estudante. Eis alguns comentários daqueles que completaram o curso:

“Isso é magnífico! Nada de exagero. Este é o curso mais prático e cheio de bom senso que já frequentei. O impacto sobre o aprendizado é fenomenal!” — Membro do corpo docente da Escola de Enfermagem, PUC.

“Não posso descrever quão contente estou por ter completado este curso. As ferramentas e habilidades acerca das quais aprendi serão inestimáveis e já ajudaram a aliviar muito da ansiedade que eu sentia”. — Primeiro-anista de cursos paramédicos.

“Fiquei impressionada ao ver quão mais rapidamente eu podia ler. Sinto-me pronta para enfrentar os rigores da escola de medicina. Todo estudante de medicina deve fazer este curso”. — Primeiro-anista de medicina.

O centro de ensino e aprendizado oferece cursos pró-ativos em vez de atividades para remediar, que é uma metodologia de “reboque”. Os cursos são oferecidos a qualquer estudante para fazer face a uma grande variedade de necessidades.

Os cursos de leitura, ABLE I, II, III, e o corpo docente ABLE III, expandem a função cognitiva nas áreas de velocidade, organização, retenção e recuperação. Melhorias impressionantes têm sido

obtidas. A Tabela 1 mostra o resultado obtido antes e depois do Teste Nelson-Denny de Eficiência em Leitura de 1993 a 1996.

As médias de antes e de depois do Teste de Eficiência obtidas pelos estudantes com deficiências de aprendizado também indicam uma melhoria impressionante de 1993 a 1996 (Tabela 2).

Os cursos de escrita começaram em 1995-1996 e continuam este ano. A seqüência envolve duas classes, WRITE I e II, que ensinam estruturas de línguas, técnicas fundamentais, idéias de organização e experiências categóricas.

Um dos serviços especiais providos pelo centro de ensino e aprendizado é o curso preparatório para as escolas de medicina e odontologia de Loma Linda. Os resultados das provas dos estudantes que completaram o curso ABLE antes de ingressar na escola de medicina indicam médias mais elevadas do que as médias das classes de Bioquímica, Anatomia e Histologia (Tabela 3)

Que desafios as instituições educacionais adventistas enfrentam ao ajudar estudantes com necessidades especiais?

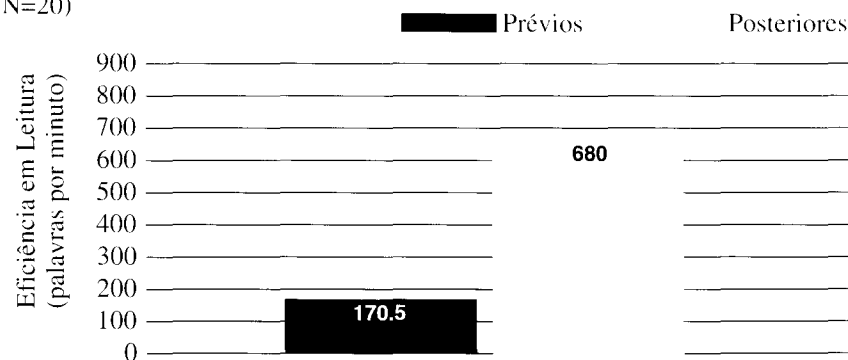
1. Declínio geral de matrículas e de recursos financeiros;
2. Número crescente de indivíduos com deficiências de aprendizado;
3. Responsabilidade de educar num ambiente cristão estudantes com deficiências de aprendizado desde mínimas até moderadas; e
4. Exigências federais.

Várias destas estão fora do escopo deste artigo. Vamos tratar de duas áreas de exigências federais e possíveis soluções. Nos Estados Unidos duas leis federais governam até certo ponto os serviços educacionais que as escolas devem prover para estudantes com deficiências. As instituições educacionais que aceitam fundos federais estão sujeitas a estas leis. A primeira é a IDEA (Lei que rege a Educação de Indivíduos com Deficiências de Aprendizado), que requer que as escolas ofereçam instrução gratuita e apropriada a todos os estudantes até à idade de 21 anos, ou até obterem um diploma de escola secundária (o que ocorrer primeiro). Os estudantes amparados por esta lei precisam satisfazer certos critérios federais de elegibilidade (uma reautorização da IDEA pode modificar esta exigência). A avaliação

Tabela 2

Melhoria de Eficiência em Leitura Entre Estudantes Diagnosticados Com uma Deficiência de Leitura (1993-1996)

(N=20)



para classificação deve ser provida gratuitamente.

A segunda lei é a Seção 504 da Lei Federal que rege a Reabilitação. O estudante que não satisfizer os critérios de elegibilidade sob a IDEA pode qualificar-se para serviços educacionais especializados sob a Seção 504 que não tem um limite de idade ou de nível acadêmico. O indivíduo é classificado como deficiente se ele ou ela tem ou teve um problema mental que interfere de modo significativo com as atividades normais. Estas atividades assim definidas são: tarefas manuais, andar, ver, ouvir, falar, respirar, *aprender* e trabalhar. Os critérios para determinar elegibilidade sob a Seção 504 são mais amplos e inclusivos do que os da IDEA. Analistas predizem que por causa destas leis as decisões que regulam admissão e expulsão nas escolas particulares provavelmente enfrentarão um número crescente de desafios legais.¹¹

Possíveis Soluções

1. Desenvolver praxes unificadas entre o Ensino Superior da Divisão Norte-Americana, a IDEA e a Seção 504.
2. Assumir um compromisso unificado de prover serviços educacionais para estudantes com deficiências de aprendizado desde mínimas até moderadas.
3. Criar centros modelo de ensino e

aprendizado adotando programas que sejam pró-ativos, inclusivos e dão prova de êxito baseada em dados dignos de credibilidade.

4. Unificar nossos recursos de ensino superior num plano estratégico compreensivo e de longo prazo para expandir os serviços e o elenco de cursos.

Quando eu era uma menina por volta de 1960, vivia no Estado de Dakota do Norte, onde meu pai era pastor de um distrito rural. Um dos membros de seu rebanho, Stanley Johnson, era um gigante em estatura e caráter. O inverno se aproximava; o feno para o gado estava empilhado no quintal da fazenda. Houve um incêndio que acabou com a provisão de feno de Stanley. Sem feno adicional cortado e empilhado antes da nevasca que ameaçava, o gado morreria. Foi somente pelo esforço combinado da comunidade (adventistas e não-adventistas) que suficiente feno foi recolhido para eliminar a ameaça. Como menina, foi uma revelação para mim ver o que o trabalho de equipe e o amor de Deus podem realizar.

Nós adventistas do sétimo dia temos um inverno severo à nossa frente. Se havemos de sobreviver, precisamos colaborar no uso de nossas forças. Rivalidades e isolamento precisam ser rejeitados, e cada instituição precisa

contribuir com seus recursos para que todos tenham maior êxito.

Como mãe de um estudante com deficiências de aprendizado, professora de educação especial em níveis primário, intermediário, secundário e superior desafio todo educador adventista do sétimo dia a perguntar a si mesmo: *Estou fazendo o máximo possível para garantir a melhor educação cristã aos estudantes com deficiências?* Deus está pronto a estender a mão e nos ajudar onde quer que estejamos — devemos nós fazer algo menor por nossos estudantes? ☞

Candice Carol Haas Hollingsead, Ph.D., recentemente completou seu doutorado em educação especial (deficiência de aprendizado, Jardim até 12ª série), administração educacional (geral e especial, Jardim até 12ª série) e pesquisa estatística na University of Kansas, E.U.A. Atualmente professora no Mankato State University em Minnesota, E.U.A., ela dirige e providencia instrução no programa de graduação, treinando professores de educação especial no ramo de deficiência de aprendizado. Ela tem lecionado educação especial desde as escolas primárias até as superiores, e recebeu uma condecoração a nível nacional do Concílio para Deficiências de Aprendizado.

REFERÊNCIAS

1. E. Weis, *Mothers Talk About Learning Disabilities: Personal Feelings, Practical Advice* (New York: Prentice-Hall, 1989), pág. 1.
2. Edward L. Meyen, *Exceptional Children in Today's Schools* (Denver: Love, 1996), pág. 223.
3. D. D. Hammill, "On Defining Learning Disabilities: An Emerging Consensus", *Journal of Learning Disabilities* 23:2 (1990), págs. 74-84.
4. Meyen, pág. 225.
5. Daniel P. Hallahan, James M. Kauffman, e John W. Lloyd, *Introduction to Learning Disabilities* (Needham Heights, Mass.: Allyn & Bacon, 1996), pág. 46.
6. William N. Bender, *Learning Disabilities: Characteristics, Identification, and Teaching Strategies* (Needham Heights, Mass.: Allyn & Bacon, 1995); Hallahan, et al.
7. Cecil D. Mercer, *Students With Learning Disabilities* (Upper Saddle River, N.J.: Prentice-Hall, 1997), pág. 24.
8. William N. Bender e L. B. Golden, "Subtypes of Students With Learning Disabilities as Derived From Cognitive, Academic, Behavioral and Self-Concept Measures", *Learning Disability Quarterly* 3 (1990), págs. 183-194.
9. Mercer, pág. 25.
10. Meyen, pág. 224.
11. S. Corn, *The Answer Book on Special Education Law* (Danvers, Mass.: LRP, 1996).

Tabela 3

Médias de três cursos da área de ciências de estudantes que se beneficiaram do CEA antes de ingressar na Escola de Medicina de Loma Linda, comparadas com as de seus colegas de classe (Outono 1996) N=4

